

## Custo do trabalho cai pelo terceiro ano seguido

*Por Estevão Taiar*

A trajetória de queda do custo unitário do trabalho (CUT) da indústria, que começou há aproximadamente dois anos, deve continuar em 2018. A tendência é que um crescimento maior da produtividade do que do rendimento do trabalhador seja responsável pelo recuo do CUT. Economistas divergem, no entanto, sobre o quanto isso pode ajudar no curto prazo.

"Até o fim de 2018 o cenário para o custo unitário com certeza segue confortável", diz Armando Castelar Pinheiro, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV).

O CUT subiu de maneira praticamente ininterrupta entre 2010 e o fim de 2015, crescendo 30% (de 100 pontos para 130, em uma escala criada pelo Ibre-FGV). O cálculo é feito dividindo a massa salarial real da indústria de transformação pela produção industrial, com base em dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"Até a crise, os rendimentos cresciam acima da produtividade", diz Castelar. Segundo ele, o mercado de trabalho aquecido no começo da década puxava os salários para cima, enquanto a produtividade permanecia estagnada, o que levou a fortes aumentos do CUT. "Quem mais se prejudicava era a indústria. Os serviços são menos expostos à competição externa, enquanto a agricultura e a mineração são competitivos por outras razões."

Desde janeiro de 2016, essa alta do CUT vem sendo revertida, com queda de quase 15% (para 112 pontos). Esse recuo é decorrente principalmente do aumento da produtividade, que por sua vez pode ser explicado por uma combinação de fatores.

Durante a crise, por exemplo, algumas empresas optaram por manter "aquele trabalhador mais especializado" e mais produtivo, mesmo que não houvesse tanta demanda pelo trabalho dele, segundo Castelar. "Agora, com a produção subindo, esse funcionário volta a ser mais acionado."

# INFORME

Segundo Renato da Fonseca, gerente-executivo de pesquisa e competitividade da CNI, houve também um efeito "comportamental" causado pela crise. "Com a recessão, as empresas e empregados se esforçam mais", para evitar falência, recuperação judicial ou demissão. "As companhias ainda estão mais focadas em reduzir custos do que em contratar novos trabalhadores", diz. "O emprego crescerá ao longo deste ano, mas com uma indústria melhor, mais produtiva, mais enxuta."

A própria estagnação da produtividade durante quase uma década, segundo Castelar, também abre espaço para uma alta mais forte agora, em uma espécie de efeito de recomposição.

## Produção mais barata

Custo unitário do trabalho (CUT) da indústria em R\$ e US\$



Fontes: CNI e IBGE. Elaboração: Ibre-FGV

O rendimento do trabalho é outro fator que deve ajudar a manter o custo unitário em patamares confortáveis para a indústria em prazos maiores. Ao contrário do que aconteceu no último ciclo de crescimento do Brasil, desta vez a queda do desemprego deve ser mais lenta, pressionando também de "maneira relativamente lenta" os salários, de acordo com Castelar. Ele calcula que o rendimento do trabalho terá alta em termos reais de 0,7% ao ano até 2020.

# INFORME

A divergência aparece quando os economistas analisam os benefícios que a queda do CUT pode trazer para a indústria. Nos cálculos do Ibre-FGV, apesar de variações bruscas ao longo dos últimos dois anos, o CUT em dólares terminou 2016 e 2017 em patamar parecido com o do fim de 2015 (veja o gráfico). Para Fonseca, da CNI, isso anulou o recuo do CUT em reais. "Não podemos nos iludir, o que o câmbio traz, ele leva", afirma.

Já Castelar defende que a queda ajuda a indústria ao aumentar a rentabilidade e estimular o investimento, independentemente do câmbio. Na realidade brasileira atual, segundo ele, esse efeito é o mais importante do recuo. Mas, para Fonseca, tão importante quanto a variação em dólares no Brasil é a variação no exterior.

"A queda no Brasil é positiva por si só, mas, se ela foi maior nos demais países, as empresas de fora poderão reduzir seus preços mais do que as nacionais", diz, afirmando que um recuo maior em outros países prejudica a competição tanto no exterior quanto com os importados pelo Brasil. "É igual a uma corrida. Não adianta melhorarmos o nosso tempo, temos que melhorar mais do que o dos outros competidores."

Rafael Cagnin, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), concorda que o CUT "não é um obstáculo" à recuperação no curto prazo. Mas, sem uma expansão dos investimentos, é improvável que ele não volte a subir em prazos maiores, segundo ele.

"O que me preocupa é que há tempos o Brasil é uma economia de baixo investimento", diz. Para ele, com a manutenção dos investimentos no atual patamar, o país terá cada vez menos capacidade de compensar eventuais altas de custos, como energéticas ou logísticas. "É próprio de uma economia de mercado arrefecer pressões de custo por meio de inovações. Investimento retira gargalo. Você gera uma produtividade maior para aquele trabalhador cujo custo continua em elevação."

Castelar também destaca a importância de avanços consistentes da produtividade. "O câmbio tem impactos relevantes a curto prazo, mas a médio prazo o que faz a diferença é a produtividade e o salário real", afirma. "A atual queda do custo unitário é bem-vinda, mas para ganharmos competitividade externa precisamos perseverar."

"Esse é o desafio do Brasil, investir em tecnologia e capacitação", diz Fonseca, da CNI. "Senão ficamos à mercê do câmbio."

(Fonte: Valor Econômico – 26/03/2018)

## **Fiat abre 3º turno na fábrica da Jeep e gera 1,5 mil vagas**

*Capacidade de produção da unidade de Goiana vai aumentar para 250 mil veículos; evento teve a presença de Temer*

**Felipe Frazão, O Estado de S.Paulo**

ENVIADO ESPECIAL A GOIANA (PE) - O presidente da República, Michel Temer, participou nesta sexta-feira, 23, de cerimônia que marcou o início do funcionamento em três turnos da fábrica de automóveis do grupo Fiat Chrysler Automobiles (FCA), em Goiana, na região metropolitana de Recife.

Para funcionar 24 horas ininterruptas, serão contratados 1,5 mil funcionários – parte para a fábrica e parte para os fornecedores que atuam ao lado do complexo inaugurado em 2015.

Cumprindo agenda de pré-candidato à reeleição, Temer aproveitou para fazer um agrado à indústria automobilística e anunciou a prorrogação por cinco anos de programa de incentivo à instalação de empresas automobilísticas no Nordeste.

Com os três turnos de trabalho, a fábrica poderá fabricar até 250 mil veículos por ano. Hoje são produzidos 179 mil unidades dos utilitários Renegade e Compass e da picape Toro.

Segundo FCA, o polo automotivo da Jeep tem 13,6 mil funcionários, sendo 4,85 mil na unidade de veículos, 5,66 mil no parque de fornecedores de peças e 3,1 mil são terceirizados.

“Ninguém contrata, ninguém estende jornada de trabalho sem o horizonte econômico favorável”, disse Temer.

O presidente aproveitou para anunciar a prorrogação do regime especial automotivo do Nordeste por mais cinco anos, um pleito da indústria.

Os benefícios venceriam em dezembro de 2020, após dez anos de vigência e preveem facilidades para quitação de tributos federais como PIS-Cofins.

# INFORME

**Novo presidente.** Presente ao evento, o presidente mundial do grupo FCA, Sergio Marchionne, anunciou que o italiano Antonio Filosa, de 44 anos, é o novo presidente da empresa no Brasil e na América Latina.

Ele substitui o brasileiro Stefan Ketter, que volta à Itália para reassumir o posto de vice-presidente mundial de manufatura.

A visita do presidente faz parte de uma estratégia para buscar agendas positivas contra a baixa popularidade e a desaprovação de 94%, conforme pesquisa Barômetro Político Estadão – Ipsos.

Na ida à montadora, Temer citou dados de queda do desemprego no País.

Também disse que venceu a recessão e começou a reduzir o número de cerca de 14 milhões de desempregados no País, de quando assumiu o Planalto.

Afirmou que em sua gestão já foram abertos cerca de 1,5 milhão de postos de trabalho formais ou atividades que classificou como mais modestas.

Antes, Temer havia participado da inauguração de um projeto agrícola de irrigação com águas do Rio São Francisco em Xique-Xique, no semiárido baiano.

O presidente afirmou que a obra poderá gerar entre 4 mil e 5 mil empregos diretos e indiretos. Também anunciou que vai propor ao Congresso Nacional a derrubada do veto ao Refis para micros e pequenas empresas.

**Protesto.** A agenda pública de Temer foi alvo de protestos em Pernambuco.

Caminhoneiros estacionaram veículos na rodovia BR-101 e, em frente à fábrica da Jeep, motoristas de caminhões cegonha pediram que a Fiat Chrysler devolvesse incentivos fiscais.

Deslocando-se de helicóptero, Temer escapou dos protestos. A comitiva presidencial ainda visitou a fábrica de medicamentos da estatal Hemobrás, em Goiana.

# INFORME

## FOLHA DE S.PAULO

### Emprego informal tira força da retomada

*Especialistas atribuem consumo abaixo do projetado às mudanças no mercado de trabalho*

**Flavia Lima - SÃO PAULO**

A recuperação do mercado de trabalho puxada pelo emprego informal, sem carteira assinada, não dá segurança para as famílias voltarem a consumir com força e pode comprometer a retomada. Para especialistas, a conclusão se ancora no cruzamento de dados. Em 2017, foram criadas 1,8 milhão de vagas—todas no setor informal. Com carteira, 685 mil vagas foram perdidas.

Também conta a renda média dos sem carteira e de pequenos empreendedores, metade da renda dos formais, já descontada a inflação. “A propensão a consumir de um empregado formal, que tem mais segurança e acesso ao crédito, é maior do que a de um informal”, diz Marcelo Gazzano, economista da consultoria AC Pastore.

Estudo da consultoria de Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, busca entender por que projeções de consumo vinham negligenciando esse efeito.

A sugestão é que, envolvidos pelo cenário de juros mais baixos e melhora, ainda que incipiente, de salários e crédito, analistas menosprezaram o peso da carteira de trabalho em decisões de consumo —o que também explicaria a trajetória surpreendentemente errática do varejo nos últimos meses.

A equipe de Pastore considera revisar a projeção de crescimento para 2018, ainda em 3%. A expectativa é que fique próxima de 2,5%. “Não dá para dizer: não haverá recuperação econômica pelo consumo. Ela virá. Mas menos robusta do que se imaginava em razão da profunda alteração no mercado de trabalho”, diz Marcelo Gazzano, responsável pelo estudo.

Um bom exercício, diz ele, é olhar para o consumo das famílias e para o mercado de trabalho num período maior.

O consumo atingiu o pico da série histórica, iniciada em 1996, entre 2011 e 2014. Nesse momento, a proporção de trabalhadores com carteira assinada na população ocupada também esteve no teto histórico, ao redor de 45%. Em apenas três anos, esse percentual foi para 42%, mas o consumo não teve o mesmo comportamento, em especial no ano passado. A trajetória positiva do varejo em 2017 tirou as atenções do mercado de trabalho

# INFORME

nessa correlação. E a oferta de vagas piorou muito. No fim de 2011, eram 39,9 milhões de trabalhadores com carteira. No fim de 2017, 38,4 milhões. No mesmo período, o país saiu do pleno emprego para uma situação em que há 12,3 milhões de desempregados, 26,4 milhões de subempregados e 4,4 milhões que desistiram de buscar trabalho.

O melhor comportamento do varejo em 2017, avalia-se hoje, pode ter sido provocado pela liberação de R\$ 44 bilhões do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), pois parte foi para compras.

## **ALERTA**

O sinal de alerta veio com o desempenho pífio do consumo das famílias nos últimos três meses do ano. Com 65% do PIB (Produto Interno Bruto), o consumo determina o que ocorre na economia.

Após alta de 1% no segundo e terceiro trimestres de 2017, o consumo quase não se moveu entre outubro e dezembro. No período, as projeções da AC Pastore, pareciam muito otimistas e passaram a se descolar dos dados. A equipe deu, então, um peso maior ao consumo dos formais para explicar vendas mais modestas e as previsões voltaram a aderir à realidade.

## **Com carteira, a gente sente estabilidade, diz ex-CLT que virou empreendedora**

*Confeiteira diz que não faz dívida no longo prazo e compra apenas quando tem dinheiro*

**Flavia Lima - SÃO PAULO**

“Com carteira assinada, a gente sente estabilidade, sabe que, mesmo se for despedido, tem a rescisão”, diz Elisa Betty Costa, 45. A comerciante explica de forma clara o que estudos sugerem: a dinâmica do consumo muda na informalidade.

Costa atuou por 25 anos no ramo da nutrição, revezando-se entre cozinhas industriais e hospitais. Em março de 2017, deixou o emprego em uma padaria. Pensou que voltaria logo ao mercado formal de trabalho, o que não ocorreu. Abriu uma pequena confeitaria no fim de 2017. “Cortei gastos e não faço dívida de longo prazo porque a batalha na conquista do cliente é diária. Ou junto dinheiro e compro ou não compro”.

# INFORME

Para Thiago Xavier, economista da Tendências Consultoria, a expectativa é que a alta informalidade no mercado de trabalho se mantenha. “Quando se olha o padrão de outras crises, a recuperação da contratação formal demora um pouco mais”, diz.

Em suas contas, o estoque de empregados deve crescer 2,2 milhões neste ano, mas boa parte disso continuará vindo do mercado informal. Como exemplo, cita a projeção para o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), o balanço de empregos formais, que deve ficar ao redor de 900 mil.

## **REAJUSTE MENOR**

Mesmo em níveis muito diferentes, a renda média real de formais e informais mostrou discreta melhora em 2017. Neste ano, ela dá sinais de fraqueza inclusive entre os empregados com carteira, o que pode ser mais um fator a abalar o poder de compra.

Entre os com carteira, o reajuste real dos salários ficou em 0,6%, em fevereiro, ante 0,9% em janeiro e 1% em dezembro, segundo boletim da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas).

Xavier, da Tendências, adiciona outro ponto de preocupação: a reforma trabalhista deve elevar as vagas formais de trabalho, mas a qualidade delas pode ser inferior.

A possibilidade de contratação por hora trabalhada reduz o custo do trabalho, com efeito sobre a contratação. “Mas não é uma entrada ideal no mercado de trabalho. O trabalhador pode ter carteira assinada, mas trabalhar uma hora ou duas horas na semana. Qual a qualidade disso?”, questiona Xavier.

Para ele, só a reforma trabalhista não garante a qualidade das vagas. A economia precisa crescer, diz.

Bruno Ottoni, pesquisador do IBRE (Instituto Brasileiro de Economia) da Fundação Getúlio Vargas, pondera que o informal também consome. Além disso, há trabalhadores sem carteira que não estão em situação precária, como os ‘PJ’ (pessoa jurídica).

Para Ottoni, a informalidade deve seguir em níveis elevados, seja em razão das incertezas eleitorais seja pelo preço alto do trabalho. Como ficará o consumo nesse cenário é resumido pela confeiteira Elisa Betty Costa. “Sem carteira, a realidade de consumir é outra”.

(Fonte: Folha de SP – 26/03/2018)

8